



A CONCRETUDE DAS MULHERES INVISÍVEIS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*

THE CONCRETENESS OF INVISIBLE WOMEN: THE FEMALE REPRESENTATION IN THE WORK A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO

Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira
<https://orcid.org/0009-0008-5573-3670>
Universidade Estadual da Paraíba
vitoriataisa17@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva analisar de forma crítica a obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) da escritora Martha Batalha, tomando como aporte teórico os estudos desenvolvidos a partir do movimento feminista e da consequente crítica feminista. Construindo relações entre a obra e as pesquisas bibliográficas, busca-se apontar algumas representações femininas apresentadas no livro, com um foco mais específico para a protagonista Eurídice Gusmão, levando em conta que estas estão imersas em uma crescente opressão causada por uma dominação masculina, presente na sociedade retratada, o Rio de Janeiro dos anos 1940, que atribui à mulher espaços e papéis inferiores na sociedade. Ademais, serão observados os meios utilizados pelas personagens para compreender e, em alguns casos, se desvincular dessas relações cada qual com os instrumentos que possuem. Utilizando-se dos estudos de autoras como Cisne (2015), Zolin (2013) e Beauvoir (2009), entre outras, é possível constatar como as representações femininas nos meios literários fazem-se cada vez mais necessárias enquanto espaço de fala e reflexão e como essas representações podem traçar um fio de conexão com as relações desiguais propagadas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Crítica feminista. Literatura. Mulher. Dominação masculina.

Abstract: This article aims to critically analyze the work *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) by the writer Martha Batalha, using feminist theory and feminist criticism as a theoretical framework. By building connections between the book and bibliographic research, the article seeks to point out some of the female representations presented in the novel, with a more specific focus on the protagonist Eurídice Gusmão. These representations are immersed in the growing oppression caused by male domination, present in the depicted society of 1940s Rio de Janeiro, which assigns women inferior spaces and roles in society. Furthermore, the article examines the means used by the characters to understand and, in some cases, detach themselves from these relationships, each using the tools available to them. By drawing on the works of authors such as Cisne (2015), Zolin (2013), and Beauvoir (2009), among others, it is possible to observe how female representations in literary works are increasingly necessary as a space for speech and reflection, and how these representations can trace a thread of connection to the unequal relationships propagated in our society.

Keywords: Feminist Criticism. Literature. Women. Male Domination.

Introdução

Com os avanços e propagações do movimento feminista e suas conquistas, cada vez mais busca-se tomar a mulher como objeto de análise nas mais diversas áreas da sociedade, seja nas representações femininas ou no enfoque para as próprias mulheres enquanto sujeitos ativos e participativos das esferas sociais. Isso não é diferente com a literatura, na qual a mulher ganha



cada vez mais espaço, mesmo que de forma ainda limitada, seja no âmbito da presença nas representações e personagens femininas ou na maior abertura para que mulheres escrevam e publiquem suas obras e tenham maior espaço de circulação nos meios literários.

A partir disso, o presente artigo busca analisar e traçar reflexões críticas acerca da obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) da autora nacional Martha Batalha, tomando como base os preceitos da crítica feminista e suas contribuições para o espaço literário. Para tal, serão analisadas as personagens do livro, em especial Eurídice Gusmão e suas relações com as outras personagens que a cercam, como suas ligações com a irmã, Guida Gusmão. Ademais, essas relações com o meio e os sujeitos que as cercam serão interpretadas enquanto fatores relevantes para as verdades e noções construídas pelas personagens, assim como será analisado o modo como estas enxergam a si mesmas e aos espaços que ocupam na sociedade.

Por fim, além da análise do processo de apropriação interior desses fatores externos por parte da personagem principal feminina e a tomada de consciência de suas posições e da discriminação opressora que a concebe, busca-se apontar os meios que ela utiliza para se desvencilhar destes. Com isso, é possível notar a importância da crítica feminista para a literatura e para as representações das mulheres nas obras, bem como para uma maior presença da mulher enquanto escritora, fatores que promovem maiores reflexões em torno da figura feminina em sua multiplicidade e em sua luta por sobrevivência em uma sociedade extremamente demarcada pelo domínio masculino.

1. O feminismo e a crítica feminista: breves considerações

Sabe-se que as mulheres são subjugadas na sociedade e que por isso ocupam comumente posições inferiores se comparadas aos homens, apesar do já perceptível avanço na luta pelos direitos das mulheres e suas conquistas e pautas. Muito já se obteve, contudo, é perceptível nas relações entre mulher/homem na sociedade, que ela ainda possui menos equidade quando se volta o foco para a prática. É especificamente isso que pauta o movimento feminista, que, como aponta Duarte (2003, p.152), pode ser entendido como “(...) todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.”

Com isso, a autora cita as quatro ondas que o movimento possuiu ao longo das décadas e que foram contribuindo aos poucos para a construção da história das mulheres tal como é hoje. Cada uma dessas ondas do feminismo tinha como foco principal, respectivamente, o direito das mulheres a aprender a ler e escrever; a ampliação da educação e o direito ao voto; maior acesso a cidadania e ampliação dos espaços de trabalho e, por fim, a revolução sexual que luta contra a discriminação e a favor da igualdade de direitos. (Duarte, 2003). Todo o percurso do feminismo é relevante para a compreensão dos papéis que a mulher vem assumindo ao longo da história e como estes são permeados por uma dominação masculina que toma para si privilégios nas mais diversas instâncias da sociedade, na qual o homem “(...) define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 2009, 11).

Dessa maneira, as relações e divisões dos indivíduos socialmente, baseia-se em uma construção que tem raízes no patriarcado, termo que retoma a organização familiar dos povos antigos, na qual a instituição social pautava-se na autoridade de um chefe incontestável, que por sua vez, era homem. (Zolin, 2003). Essa noção permeia até atualmente todas as construções sociais e é motivo de grande opressão para as mulheres, além de dividir a humanidade “(...) em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses,



ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O fato é que por enquanto elas existem com uma evidência total.” (Beauvoir, 2009, p. 8). Com isso, quando se fala em patriarcado,

estamos nos referindo às relações de dominação, opressão e exploração masculinas na apropriação sobre o corpo, a vida e o trabalho das mulheres. Ou seja, o patriarcado nomeia as desigualdades que marcam as relações sociais de sexo em vigor na sociedade (Cisne, 2015, 67).

Ao pensar a mulher na sociedade, o feminismo busca a incluir nos mais diversos lugares possíveis e ocupando os mais distintos papéis, uma vez que sua história é marcada por uma classificação enquanto o *outro* em decorrência de um sujeito absoluto, que é o homem. Além disso, como afirma Beauvoir (2009, p. 19), “a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*.” (Beauvoir, 2009, p. 19). A inclusão das mulheres faz-se necessária no meio literário, no qual ainda predomina um cânone de obras de autores, em sua maioria, homens, heterossexuais e brancos.

Esse espaço para a literatura feminina, volta-se para a inclusão da mulher e a análise desta nas manifestações literárias. Essa presença deve ser tomada, como afirma Zolin (2003, p. 181), como “(...) uma presença que ultrapassa o pontual e o eufórico para se conjugar a todo um processo histórico-literário. Mais importantes do que as polêmicas geradas a partir do movimento feminista são os efeitos provocados por ele em seus diferentes momentos”. Por fim, a autora afirma que um desses efeitos deixados pelo movimento é especificamente a crítica feminista, que pode servir como base para complementar a análise de textos literários.

Esse modo de ler e interpretar literatura, objetiva desconstruir, pautando-se nas já citadas críticas literárias, a visão estigmatizada das mulheres, colocando-as então enquanto protagonistas ativas do processo literário. Em outras palavras:

Trata-se de um modo de ler literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual o texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, historicamente têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. (ZOLIN, 2003, p. 182)

A partir disso, neste artigo, toma-se como base a crítica feminista para complementar e enriquecer a análise da obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), no intuito de demonstrar como a personagem feminina protagonista do livro está sob o efeito da dominação masculina que a impede de ocupar determinadas funções na sociedade, assim como de se expressar do modo que quer e ser com isso, livre em si mesma.

2. Eurídice, Guida e a escrita feminina/feminista de Martha Batalha



Martha Mamede Batalha nasceu em Recife em 1973 e é uma escritora e jornalista brasileira. A autora cursou Jornalismo e mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio, sendo essa sua carreira inicial, visto que foi repórter por muitos anos dos jornais O Dia, O Globo e Extra. Com seu gosto pela escrita, Martha fundou, em 2003, a editora *Desiderata*, que publicou antologias de textos e ilustrações. Posteriormente se mudou para Nova York e fez um segundo mestrado em Editoração na *New York University*, recebendo a maior distinção do curso, a *Oscar Dystel Fellowship*.

O primeiro romance de Martha Batalha, publicado em 2016 e que tem por título *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, foi vendido para editoras da Alemanha e Noruega antes mesmo de ser publicado no Brasil. Atualmente, sucesso no país, o livro já foi adquirido por outras editoras estrangeiras. Já no cinema, a obra recebeu a adaptação *A Vida Invisível*, que contou com o cineasta Karim Ainouz e o produtor Rodrigo Teixeira. Hoje, a escritora vive com o marido e os dois filhos em Santa Monica, Califórnia. *Nunca Houve um Castelo* (2018) é outro sucesso da autora.

Em sua obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, Martha Batalha narra a história de duas irmãs, Eurídice e Guida Gusmão, e da trajetória das duas ao se construírem enquanto mulheres em uma sociedade extremamente dominada pelo patriarcado, o Rio de Janeiro nos anos 40, e suas experiências tentando driblar essas discriminações. Contudo, as histórias das duas irmãs, que se cruzam pelos laços de família e acabam se perdendo pelos contratempos da vida, são muito distintas. Ainda muito jovem, Guida foge de casa para se casar com seu namorado, o Marcos, e viver o que parecia ser uma vida feliz. Já Eurídice, consternada pela ausência que a partida da irmã causou, decide ficar com seus pais e viver uma vida dentro dos moldes de normalidade da época. Para tal, se casa com Antenor e constitui uma vida aparentemente estável com seu marido, seus filhos e seu lar.

Mas as aparências das vidas das irmãs Gusmão ocultavam uma realidade muito mais cruel. Guida foi abandonada grávida pelo marido que, acostumado a uma vida regada de fortunas, não aguentou a nova vida na qual não conseguia arrumar emprego e tinha que viver em condições precárias de pobreza. Já Eurídice, sustentada por seu marido que possuía ótimos cargo e salário, e com os filhos já com seus próprios interesses, vê-se em uma situação em que não pode tomar as decisões de sua própria vida ou corpo. As duas personagens são condicionadas, pela condição de mulher, à uma posição excluída na sociedade se comparada aos homens, ficando assim a margem de, ora depender de seus maridos para tudo, ora lutar para sobreviver em um meio que sequer aceita as mulheres em posições de trabalho dignas.

Não obstante, as duas irmãs eram extremamente inteligentes. Eurídice, por exemplo, é descrita como uma mulher brilhante e que se lhe “(...) dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas em branco ela escreveria clássicos” (Batalha, 2016, p. 14). Guida, por sua vez, se mostrou muito eficiente ao fazer o negócio de sua sócia, que antes era uma simples ocupação, prosperar muito bem, além de que se mostrou muito independente ao buscar empregos para sustentar a si e a seu filho, que agora criava sozinha. Esses fatores ajudaram a construir as identidades das personagens, que estavam encobertas por uma perspectiva na qual:

As mulheres também tinham inteligência, e sentiam a necessidade humana de evoluir, mas o trabalho que gerava a vida e a fazia progredir não era mais realizado em casa e não se ensinou a mulher a trabalhar no mundo. Confinada entre quatro paredes, uma criança entre outras crianças, passiva, incapaz de controlar qualquer setor de sua existência, a mulher só tinha uma função: agradar ao homem. Era totalmente dependente de sua proteção num universo



que não ajudara a criar. Era incapaz, portanto, de formular a simples interrogação humana: “Quem sou eu?” “Que desejo?” (Friedan, 1971, p. 60).

Ademais, faz-se relevante pontuar como a vida das duas irmãs parecem se entrecruzar em um processo de inversão no final do romance. Guida, até então lutando para sobreviver por si só e tendo que se submeter a situações humilhantes para tal, vê no casamento uma fuga disso tudo. Vale ressaltar que o casamento só se deu quando ela escolheu e com a pessoa que ela preferiu, mas ainda assim, casar-se era para a personagem um modo de abandonar tudo que tinha vivido até então. Já Eurídice, em contrapartida, vê nas chances de se virar por si só, estudar e trabalhar, uma forma de liberdade que a afasta da prisão que é o casamento para ela. Então a personagem, carregando consigo todo seu passado e fazendo questão de não o esquecer, vai em busca de se reconstruir por si mesma e para si mesma.

Esse processo de Eurídice de individualização e desprendimento das amarras dos outros se dá justamente porque “sem dúvidas, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (Beauvoir, 2009, p. 15). Ou seja, Eurídice precisava dessa liberdade singular que daria forma ao seu processo de ser mulher, que vinha se desenvolvendo ao longo de toda sua vida, mas só com a singularização é que tomava os moldes de Eurídice.

2.1 As Guidas e Eurídictes: outras personagens do livro

Martha Batalha não apresenta como foco único do romance a vida das irmãs Gusmão. Ao longo da história, muitos outros personagens vão sendo aprofundados e, conseqüentemente, muitas outras representações femininas que, em posição muitas vezes mais marginalizada ainda, como as mulheres negras, não ganham tanto destaque. Entre elas, pode-se citar a empregada da casa, Maria das Dores, que é citada esporadicamente na obra, sendo ela “(...) mãe de dois filhos que se criavam sozinhos (...) e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha” (Batalha, 2016, p. 40).

A personagem era marginalizada ainda mais, visto que era mulher e negra, exclusão bem demarcada no livro que ressalta que “esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama.” (Batalha, 2016, p. 64). As condições da personagem são ainda mais complexas, já que ela tem que trabalhar, mas se vê submetida à espaços menores, uma vez que:

A análise da condição da mulher no mundo do trabalho não é uma questão de ordem linguística ou meramente gramatical. Ou seja, não se trata, apenas, de ressaltar que além de trabalhadores, existem trabalhadoras na composição da classe. Trata-se de analisar como as mulheres sofrem uma exploração particular, ainda mais intensa do que a dos homens da classe trabalhadora e que isso atende diretamente aos interesses dominantes. (Cisne, 2015, p. 28)

Não obstante, a obra retrata muito bem a influência que o patriarcado pode trazer para as mulheres quando absorvido e internalizado pelas mesmas enquanto verdade a ser seguida, como aponta a autora Cisne (2015, p. 80)

A ideologia dominante, patriarcal-racista-capitalista, penetra na consciência dos indivíduos devido à naturalização das relações de dominação e exploração



que a alienação produz. Essa naturalização dificulta a possibilidade de se pensar e agir de forma transformadora. Com isso, muitos indivíduos não percebem essas relações como tais [de dominação e exploração] ou, quando percebem, não acham possível alterá-las. É essa alienação que faz com que mulheres naturalizem e reproduzam sua condição de subalternidade e subserviência como algo inato ou mesmo biológico. (Cisne, 2015, p. 80).

Esse processo de apreensão é perceptível na representação feminina da vizinha de Eurídice, Zélia, que “(...) passou por duas tragédias na vida, que a fizeram parar de trotar. A primeira foi a morte de seu pai. A segunda foi a descoberta de que era feia.” (Batalha, 2016, p. 19). A personagem constrói sua identidade pautando-se na noção de que era feia e isso altera significativamente suas ações ao longo da vida. Tomada por padrões de beleza e feminilidade impostos pela sociedade, Zélia depositou no casamento a solução de seus problemas e, infeliz com sua situação, “(...) tornou-se capaz de encontrar a infelicidade em todos os lados, por meio de fatos ou de boatos, distribuídos por sua imensa boca.” (Batalha, 2016, 33).

Além disso, a própria Eurídice Gusmão constitui muitas de suas ações pautando-se na dominação masculina que fez com que a mesma acreditasse por vezes que sua posição deveria ser inferior. Isso fica claro na sua constante submissão ao “bom marido” que apenas bem lhe fazia, quando tudo que ela tinha que retribuir era com uma cansativa rotina para cuidar dos filhos e do lar, e Antenor estaria satisfeito desde que:

(...) seus chinelos permanecessem em paralelo ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem fechadas nunca depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes das sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que repetir o mesmo prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais.” (Batalha, 2016, p. 8)

A partir disso, pode-se notar como a construção da obra, feita por Martha Batalha, (2016) reflete perfeitamente as divisões e discriminações que a sociedade narrada apresenta. Até a própria Eurídice é muitas vezes deixada de lado na história enquanto o foco se volta para as perspectivas de outros personagens. Não dificilmente, o narrador da trama se perde em suas digressões e se vê obrigado a retomar os focos para a protagonista e sua vida, fato justificável pela onisciência do narrador, que serve de pretexto para que ele perpassasse por todas as situações vivenciadas pelos personagens que constituem o convívio de Eurídice e como cada uma dessas vivências vai influenciar a certo nível a vida da protagonista. Por exemplo, histórias como a dos pais de Antenor são contadas para justificar determinados comportamentos dele.

Com a morte de sua mãe, Antenor ficou aos cuidados da tia, Dalva, que dedicou sua vida a cuidar da casa do irmão viúvo e de seu filho. Com a influência dessa figura feminina, Antenor cresceu espelhando a figura da tia na sua possível futura esposa, que “(...) teria que ser tão boa quanto Dalva. A casa e os filhos teriam que ser prioridade.” (Batalha, 2016, p. 140). Com isso, pode-se notar como o meio e as pessoas que rodeiam Eurídice são peças fundamentais na constituição da situação de opressão que ela se encontra, na qual a divisão de papéis é clara, uma vez que o marido “(...) não prestava atenção na casa. Para ele havia uma linha quase tangível entre os seus domínios e os de Eurídice. (...) Ele estava ali para botar dinheiro em casa e para sujar os pratos e desfazer a cama e não para saber como as roupas tinham sido lavadas e a comida tinha sido feita.” (Batalha, 2016, p. 28).



Destarte, o desenrolar da trama segue o cotiando das personagens e por isso é repleto de histórias banais que são bem caracterizadas na escrita leve da autora, que é ao mesmo tempo um espaço de reflexão e denúncia de uma realidade opressora. Além disso, Martha Batalha é uma mulher escritora que ganha aos poucos espaços no meio literário brasileiro contemporâneo e, como aponta Beauvoir (2009, p. 21) “(...) para elucidar a situação da mulher são ainda certas mulheres as mais indicadas”.

Outrossim, temas extremamente pertinentes e muitas vezes cruéis e complexos são abordados na obra, porém com um tom de naturalização que leva o leitor a se questionar como essa leveza ao abordar os temas é na realidade um reflexo de como a dominação masculina e seus efeitos na vida das personagens é naturalizada na sociedade apresentada, ao ponto de elas mesmas conceberem isso como verdade, aspecto reforçado pelo teor irônico, materializado no narrador, que a obra possui, uma vez que os fatos são narrados incorporando todos os preconceitos e discriminações refletidos pela sociedade em questão. Por fim, na obra, segundo a autora, “Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas e das suas avós” (Batalha, 2016, p. 7), o que demonstra a ligação que o livro e as histórias narradas podem traçar com a realidade das mulheres que efetivamente viveram no Rio de Janeiro nas épocas apontadas, anos 40, 50 e 60.

3. Eurídice Gusmão: coadjuvante de sua própria história

A protagonista da obra *A vida invisível de Eurídice Gusmão* e que também nomeia o livro, Eurídice, é uma personagem que carrega em sua simplicidade toda a complexidade e profundidade de uma mulher dividida entre quem é e quem poderia e gostaria de ser. Eurídice, já criança, viu seus sonhos destruídos ao saber que a família não apoiava seus talentos para a música e não lhe deixaram estudar flauta. Não bastasse isso, a personagem vê sua irmã mais velha, até então sua inspiração, mudar completamente ao começar a namorar e, não muito tempo depois, fugir com o namorado. Todo o peso de um casamento regularizado e aprovado pelas famílias recai então para Eurídice, a única filha que restou; como apontado no livro “esta é a história de Eurídice Gusmão a mulher que poderia ter sido” (Batalha, 2016, p.64). A partir desse momento, a mulher reprime em si a Eurídice que ela realmente era/queria ser e passa a exprimir uma Eurídice calma, submissa à vida e aos meios e situações que a rodeiam, denominada pelo livro como “a parte de Eurídice que não queria que Eurídice fosse Eurídice”. (Batalha, 2016, 95).

Levando isso em conta, Eurídice se casa com Antenor, que possui um ótimo trabalho no Banco do Brasil e um alto salário para lhe manter a luxos. Desde o momento em que se conheceram até depois de casados, a mulher sempre demonstrou prontidão em seguir os passos e as ordens de seu marido, visto que “de uma maneira geral, cabe às mulheres, segundo a ideologia patriarcal, o cuidado corporal, material e afetivo para com os membros sociais que convive. Os serviços e tarefas consideradas femininas ocorrem por meio de uma apropriação física direta sobre as mulheres” (Cisne, 2015, p. 88). A partir daquele momento, Eurídice já não estava mais sob o controle de si mesma, mas suas ações, papéis e até seu corpo estavam subjugados pelo seu marido, Antenor. Tem-se então uma limitação da figura feminina que:

Rápido como num sonho, a imagem da mulher como indivíduo, transformando-se e ampliando-se num mundo em evolução, foi destruída. Seu voo solitário em busca de uma identidade ficou esquecido na corrida para a



segurança de uma situação a dois. Seu mundo ilimitado encolheu, confinando-se às confortáveis paredes do lar. (Friedan, 1971, p. 29)

Os limites impostos pelo marido e a crescente dominação dele se daria no casamento ficam perceptíveis já na noite de núpcias em que, ao não sangrar, a esposa é tida como “vagabunda” pelo marido, que grita tais termos ofensivos à esposa para todo o bairro ouvir. Com esse episódio, “Eurídice chorava baixinho pelos vagabundas que ouviu, pelos vagabundas que a rua inteira ouviu. E por que tinha dóido, primeiro entre as pernas e depois no coração” (Batalha, 2016, p. 11). Pode-se notar que a personagem toma para si as consequências de uma culpa que não lhe pertence e que vai aos poucos moldar sua própria identidade.

Ainda sem total controle de si mesma, Eurídice, já com seus dois filhos, decide usar seu corpo como arma para afastar de si um marido que não deseja. A mulher decide engordar para que seu marido não mais a deseje, ação que funciona, visto que o marido passa apenas a lhe dar os costumeiros beijos na testa. Esse foi o primeiro ato de Eurídice em busca de libertação em seu casamento, o primeiro indício de revolta surgido da consciência de que ela não estava satisfeita com o lugar que ocupava. Com isso, “foi a busca de uma nova identidade que lançou a mulher (...) nessa impetuosa, criticada e mal interpretada viagem para fora do lar.” (Friedan, 1971, p. 59)

A partir disso, Eurídice passa a construir passatempos que vão se transformando em empreendimentos que, por sua vez, vão construindo sua felicidade. De início, levando em conta o que tinha a seu dispor, o lar, Eurídice começa a cozinhar e posteriormente a criar suas próprias receitas e escrevê-las em um caderno. Sua ideia final era publicar as receitas em um livro, ideia vetada pelo marido que disse em resposta: “Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?” (Batalha, 2016, p. 52). Desistindo da ideia, a personagem vai em busca de outro passatempo e acaba na costura. Costurando inicialmente roupas para os filhos, Eurídice investe no negócio vendendo roupas para as vizinhas, até que sua casa fica lotada ao ponto de ter que contratar duas assistentes de costura além da empregada que já cuidava da casa. Mas isso só durou até Antenor descobrir e afirmar que “ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (Batalha, 2016, p. 92). Eurídice então abandonou o ofício, tomada pelos pensamentos do marido que tinha uma perspectiva na qual:

A tarefa política da mulher é criar no seu lar um ideal de vida e liberdade... ajudar o marido na busca dos valores que darão finalidade ao seu trabalho especializado... indicar aos filhos a importância de cada ser humano. Esta missão pode ser realizada na sala, com uma criança ao colo, ou na cozinha, empunhando um abridor de latas. (Friedan, 1971, p. 44).

Presa à sua família, que como aponta Cisne (2015) é um dos lugares por excelência de exploração da mulher, Eurídice entra em um estado depressivo no qual todas as suas vontades e motivos para viver já não mais existiam. Nesse momento, a mulher “(...) olhava o marido com olhos de caso perdido. (...) Antenor tinha o trabalho, Das Dores a faxina, os filhos tinham a vida toda. E Eurídice, o que tinha?” (Batalha, 2016, p.294). Imersa nessa dispersão de si, a personagem entra em um processo de tomada de consciência de sua posição que se dá de forma dual. Por um lado, a mulher se vê presa ao seu marido e suas ordens e vem tomando isso como verdade, afinal Antenor “era de fato um bom marido”, lema que a mulher sempre repetia a si mesma apesar de tudo. Por outro lado, Eurídice também tomou consciência de sua insatisfação com a vida que levava. Essa tomada de consciência é muito importante para a identidade da personagem, visto que:



O indivíduo ao “tomar consciência” projeta também sua reflexão sobre a sociedade, mediada pelas múltiplas relações que estabelece ao longo da sua trajetória. Não devemos, portanto, compreender a consciência como algo apenas subjetivo, tampouco apenas como uma introjeção do mundo objetivo, mas como uma síntese das relações estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade. Nessa perspectiva, a consciência não é algo meramente individual ou exclusivamente subjetivo, posto que os indivíduos estabelecem no processo de formação da consciência relações com o mundo externo. (Cisne, 2015, p. 39).

A partir dessa crise de identidade provocada pela tomada de consciência, Eurídice parte para um novo empreendimento, dessa vez mais pautado em si mesma, a personagem agora efetivamente via com clareza tudo que lhe cercava, foi então que “(...) viu a estante de livros na estante de livros. Era uma biblioteca sólida. Voltou para o sofá na companhia de um livro, e pela primeira vez em muito tempo dedicou às páginas sua total atenção.” (Batalha, 2016, p. 296). Refletindo acerca de tudo que aprendia nos livros, a mulher adquiriu novos hábitos, começou a fumar e a escrever. Comprou uma máquina de escrever e seus dias passaram a ser confinados no escritório do marido, deleitando-se no que parece ser sua maior realização pessoal, a escrita.

Com o passar dos anos, a mulher vai juntando seus escritos para uma futura publicação ao mesmo tempo que sofre as mudanças dos anos e dos desenvolvimentos que eles trazem. Já da década de 50 para a 60, Eurídice se vê cursando história na PUC e participando de manifestações, além de se desprender cada vez mais de preceitos da feminilidade e dos padrões de beleza que a sociedade impunha. Ainda casada e cuidando dos filhos, Eurídice buscava a liberdade nas possibilidades que tinha a seu alcance, como veio fazendo desde o início de sua história, só que agora com mais resultados. Como aponta Beauvoir (2009), é a partir dessa tomada de consciência que leva a mulher a lutar para se inserir na esferas públicas, como o estudo e o trabalho, saindo assim da esfera privada de seu lar e ocupando os lugares até então dominados por homens, que surge a luta contra as amarras da opressão, ainda mais se levado em conta que até o momento Eurídice teceu empreendimentos voltados para suas funções no lar, costurar e cozinhar, mas agora seus planos envolviam todo um universo que estava para além de sua posição de dona de casa.

No fim, o livro que Eurídice vinha escrevendo aos poucos e guardando na gaveta era intitulado de *A vida invisível de*, no qual caberia a continuação com o nome de qualquer uma das mulheres da história do livro ou das mulheres que foram e ainda são discriminadas e inferiorizadas, visto que estas são marginalizadas ao ponto de se verem invisíveis em uma sociedade na qual o palpável e concreto é, em sua maioria, masculino. Essa invisibilidade é muito bem representada em Eurídice, que não é o foco total do livro, apesar de protagonista da trama, mas sim um sujeito delimitado pelas condições e pessoas as quais está obrigatoriamente submetido, e por isso o caráter de descrever e divagar pelas vidas de tantas outras personagens e histórias no livro. Eurídice é mais uma mulher invisível na sociedade que agarrou as oportunidades que lhe surgiram para lutar contra essa desigualdade com a arma que lhe foi dada, sua escrita, que, por sua vez, representa todas as outras Eurídictes invisíveis na sociedade.

Considerações finais

A partir disso, pode-se notar que o feminismo teve forte influência na sociedade apesar dos ainda presentes obstáculos a serem superados. Na literatura, abriu espaço para a



incorporação de cada vez mais mulheres que escrevem e publicam e, conseqüentemente, mais material teórico para análise e complementação das interpretações, como é o caso da crítica feminista. Com isso, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da Martha Batalha, apresenta diversas personagens femininas que vão sendo construídas aos poucos e que são dominadas por uma realidade que atravessa o Rio de Janeiro entre os anos 40 e 60 e que é fortemente marcada pela dominação do patriarcado. Contudo, é notável, apesar disso, como as mulheres do livro estão constantemente se desdobrando para se desvencilhar das amarras da opressão, até mesmo quando elas incorporam essa opressão como verdade.

Eurídice Gusmão é um claro retrato de uma dona de casa, que se casou pela obrigação de agradar os pais, e que se viu presa em uma realidade da qual ela não queria efetivamente fazer parte. Por isso, a personagem segue durante toda a trajetória do romance uma busca por meios para fugir das amarras de um casamento que aparentemente é bom e realizado, mas que na prática revela toda uma complexidade e uma violência subjetiva por parte do marido, que exerce uma dominação acerca do corpo, ações e pensamentos da mulher. Eurídice então segue uma vida invisível, uma vez que ela não tem voz, visibilidade e ou autonomia suficientes para se constituir enquanto sujeito participativo para além da esfera privada de sua casa.

Destarte, Eurídice não se satisfaz com sua posição até então inferior e faz o possível para sair para a esfera pública e para se descobrir ao mesmo tempo que se constrói enquanto mulher a cada situação que vai vivendo, para ir assim provando a sua concretude enquanto mulher, por mais que a sociedade apresentada tente a todo custo provar a sua invisibilidade.

Referências

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados** 17. 2003.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

MARTHA Batalha. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Martha_Batalha> Acesso em 3 de dezembro de 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 181-203